



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

3 de Dezembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1767

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

«**N**A verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?!»

Estas palavras de Pai Américo, reflexo do seu olhar simples e profundo sobre a realidade, sempre marcada pela injustiça com que os homens teimam em pactuar, foram esteio à sua ideia da criação do Calvário, a que Padre Baptista deu corpo e alma ao longo dos anos.

Se nem nos anos da ilusão, das facilidades materiais, faltaram situações de pobres, limitados na sua saúde, apelando para o Calvário, mais agora em que muitos outros não possuem qualquer valor material que sustente a sua vida! O Calvário é a sua Casa, a sua Obra: de doentes, para doentes, pelos doentes.

«Na hora em que a ciência se retira, começa o poder de Deus.» Pois é isto que acontece em outras tantas pessoas que vêm, quase sempre a pedido de Organismos oficiais, em busca do seu lugar para viverem no Calvário. Os hospitais são lugar de cura, não lares de acolhimento. Aquele que neles se torna um estorvo, por estar fora do seu lugar, é no Calvário uma riqueza, um novo membro da família que passa a fazer parte da comunidade. Que o digam aqueles e aquelas que há muitos anos, por doença ou posterior abandono, permanecem e fazem ali a sua família?

Ser pobre e doente só para Deus é privilégio, porque atrai o Seu olhar amoroso que neles se fixa. Os habitantes do Calvário são todos assim. Não admira, por isso, que Pai Américo tenha dito à data da sua fundação: «Mais do que as Casas do Gaiato, mais do que o Património dos Pobres, esta edição da Obra da Rua vai ser a sua maior riqueza.»

Está longe da realidade quem olhe para o Calvário como se de um hospital ou lar se tratasse. Já foi dito que o Calvário entra quando se retira a ciência. Também nele não há lugar para a inactividade porque, como é habitual dizer-se, «ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar». Como dizia Pai Américo, no Calvário «não há o criado. Não há verdadeiramente o enfermeiro. Procura-se tornar válido o inválido, para que esqueça e seja alegre.»

Mas como toda a família, também o Calvário precisa de uma mãe. Uma mãe que ame e não tenha medo de se dar. Nem se deixe enganar pela voz do mundo que põe a sua confiança nas suas capacidades e não no poder Providencial de Deus. Que ponha sobre os ombros não os galões que este mundo aprecia, mas o poder da Cruz que deve ser o distintivo de todo aquele que se diz Cristão.

O Calvário precisa, agora, de uma mãe assim. □

SINAIS

Padre Telmo

DE novo em Malanje. Senhora amiga vejo visitar-me e ofereceu duas lindas rosas de porcelana. Levei-a à capela e pus uma no sacrário e outra aos pés de Nossa Senhora. Pressenti um sorriso na penumbra e silêncio. O Senhor está sempre silencioso.

Encontrei o Padre Rafael aflito com as avarias nos carros e tractores; a serração parada — e ele tentando juntar todas as migalhas para conseguir pagar os salários aos trabalhadores.

Dou voltas e voltas pensando como dar-lhe ajuda.

Vou mergulhar nos labirintos de Luanda: talvez surja uma fonte; um oásis no deserto; uma estrelinha que, por milagre, fique acessível.

Recordo o tempo da construção da nossa Aldeia. Era o Fernando Dias que fazia os pagamentos semanais aos sábados e nas sextas-feiras muitas vezes me alertava: «Olhe que o dinheiro não me chega».

Fomos aos cinemas com o nosso teatro e música, às igrejas com o nosso recado e as migalhas chegaram.

Agora são os meus 86 e labirintos custosos. (O Senhor providenciará).

Morreu o nosso senhor Afonso, como todos o tratávamos.

Oitenta anos e diabetes.

Há dezenas de anos que tratava dos bois e porcos; pertencia à nossa família. Era um querido. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VEIO hoje, de novo, aquela cancerosa com uma menina, sua filha, também muito anémica.

Não sou capaz de fugir a esta gente. Não sou.

Vinha trazer-me os sacos com que, há um mês, lhe demos um avio. Em casa refilamos sempre por causa dos sacos: — Então não traz saco? Como leva as coisas? Não temos aqui nenhuma fábrica de sacos.

Mas ela não vinha só para trazer os sacos. Estes eram apenas um pretexto para esconder a sua necessidade envergonhada. Queria conversar comigo. Como pode alguém, num desespero destes, melhorar a saúde? A quimioterapia não está a ser eficaz para debelar o mal. O homem não é só corpo, a outra parte da pessoa conta muito. Lá lhe dei para duas prestações bancárias. O provedor dos CTT ainda não respondeu à reclamação do marido, o qual, segundo ela, ficou sem o subsídio de desemprego por culpa dos correios, que não entregaram as notificações do Centro de Emprego. Ele, o marido, não se apresentou e... pumba!... cortaram-lhe o dito. Irá trabalhar, para o estrangeiro, no princípio do próximo ano.

A assinante 20554: «*Aqui vai um cheque, de 200€, para os primeiros dois meses da desgraçada que dorme com a filha na estação de comboios. Mãe e filha estão em perigo. Não faltam tarados por aí...*» — Ela já alugou um quatinho por 150€ mensais. Estou a pagar-lho. — «*A outra foi para a casa da filha 'à sorte e à morte'!*» É verdade. Não havia outra saída. A situação era terrível, está muito bem expressa a realidade do ditado «à sorte e à morte»; na escuridão da vida, a morte aparece-nos, até, como um alívio. Agora, já alugou uma casita que ajudámos a mobilar, onde faz, para vizinhos e conhecidos, alguns trabalhos com sua máquina de costura. Paguei-lhe também o primeiro mês e a caução.

A Arlete manifesta alegria com as minhas melhoras e transfere 200€ pelo o NIB do Património, na Caixa Agrícola 0045 3440 402 183 564 2778. A Susana cumpre o seu compromisso mensal de 50€ euros. O mesmo faz o Afonso e o João com 100€.

Os assinantes, marido e esposa, 35068 enviam 1.500€ e expressam-se deste modo: «*O nosso contributo do subsídio de férias vai atrasado, mas não pode faltar enquanto puder. Como Vicen-*

tinis, dobramos a nossa cota mensal, pelas necessidades que aumentam e redobramo-nos em esforços batendo às portas dos amigos e familiares. Este mês, mês do Rosário, falei aos poucos crentes que se encontravam na capela e todos colaboraram nos dias seguintes. Os que podem, devem reagir à crise, procurando minimizar a aflição dos necessitados e, sempre que possível, ensiná-los a poupar também.

A Igreja tem uma responsabilidade muito grande e os seus ministros devem dar o exemplo, o que pouco acontece».

O Manuel diz na sua carta: «*Envio o subsídio da minha reforma que me abstenho de gastar em outras coisas como férias e comezainas a pensar em alguém que precisa*», 288€.

«*Há infelizes desgraçados que, podendo, não partilham*», 200€. O mesmo da Mealhada.

«*Sou assinante e leitor entusiasta d'O GAIATO, que leio de uma ponta à outra. A primeira assinatura foi-me oferecida por uma madrinha, também ela assinante fiel.*

Quase no fim da vida ofereceu-me uma libra de ouro que lhe tinha sido oferecida pelo marido e que ela conservava com muito carinho. Guardei-a, alguns anos, em memória dos dois a quem muito estimava. Agora, perante necessidades tão urgentes e dolorosas de tanta gente sofredora, especialmente anunciados por si no Jornal, tomei a melhor decisão: vendê-la e entregar o produto dessa venda para o Património dos Pobres. Acredito plenamente que nada daria mais satisfação à minha madrinha. Assim entrego nas suas mãos abençoadas o produto dessa venda, 200€, que vou

Continua na página 2

PENSAMENTO

Pai Américo

Nós somos pobres de Cristo. Sabemos a quem servimos. Trabalhamos por devoção e esperamos a hora derradeira. Nada do que fazemos se perde, ainda mesmo que tudo se perca, quanto aos mais. Estes princípios, postos ao serviço da Humanidade, causam a mais santa e a mais feroz

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Hoje trago um pensamento de um homem que podendo ser rico se fez pobre, de presença humilde. Este homem procurou o Amor nas ruas, vagueou pelos recônditos espaços onde pouca gente passava e auxiliava.

O Grande Homem aprendeu a conhecer o verdadeiro Amor, o verdadeiro sentido de amar e ser amado, acariciado e respeitado, não pelo que se tem mas simplesmente pelo que se é, aprendizagens essas que encontrou nas pessoas pobres mas ricas de valores do espírito.

Caminhou... Caminhou... e do seu coração transbordou um amor paternal, quando se deparou com um panorama trágico: rapazes órfãos de amor, despejados pelas ruas frias e vis, onde os perigos espreitam ao virar da esquina, onde a fome coabita em volta deles.

O Homem de batina preta transfigurava-se ao olhar das crianças, que o viam como um futuro Pai. Este grande Ser educou e fortaleceu os rapazes da rua — que a vida outrora rejeitara — em adultos, vividos, educados e amados, para que também eles no futuro educassem e formassem uma família sua, unida e forte.

O pensamento que vos deixo é este:

Amem, para serem Amados.

Respeitem, para serem Respeitados.

Humilhem-se e dêem-se, porque o verdadeiro Amor não provém da mente mas sim do coração.

Um abraço fraterno.

Zé Reis

DESPORTO — Desta vez, recebemos os Juniores do U. Nogueirense F. C.. Uma senhora equipa, que se apresentou aqui com 21 jogadores; tantas foram as *t-shirts* — do jogo — que nos deixaram, para além da merenda para as duas equipas. Vieram com a intenção de conviver, como todas as outras equipas que nos visitam, mas nunca com vontade de nos deixarem a vitória. Isso mesmo ficou provado dentro das quatro linhas. O Nogueirense fez 0-1; Hugo Pina 1-1; Joaquina 2-1; o Nogueirense fez o 2-2; e, Joaquina, com um grande golo, fez o 3-2, fixando assim o resultado final. Ainda ouve tempo para o Dimas falhar uma grande penalidade — essa é que não percebi... mas está bem!

Como se pode ver os nossos golos foram obtidos pelos irmãos Pina, que estiveram impecáveis durante o jogo, mas com especial relevo para o Hugo que, não baixou os braços durante 90 minutos. Quem também esteve muito bem na segunda metade, foi o Ricardo Sérgio; hoje gostei e fez quase tudo perfeito. Está provado que dá resultado trocar a bola ao primeiro toque...!

Agora, o que eu não sabia, é que o André «Garnisé», para além do curso que anda a tirar... também estava a fazer pela vida, como novo treinador — boa sorte!

Uma semana depois, deslocámo-nos a Famalicão, mais concretamente a Louro, para defrontar os Juniores daquela localidade que militam na A. F. Braga. Percorremos tudo! Ainda havemos de ir a Angola!

Não podia ter corrido melhor; a viagem e o jogo. Fomos muito bem recebidos e deixamos toda aquela gente estupefacta com o futebol praticado por estes briosos rapazes. Com um pequeno senão: as luvas do nosso guarda-redes, estavam bastante polidas e, daí, serviu de desculpa para justificar os dois golos que sofremos. No entanto, os seus colegas de equipa, não deixaram que ele ficasse triste, pois, dos pés do Joaquina, saíram dois belos golos, tendo desperdiçado outros tantos; e, Fábio, estreou-se a marcar pelo Grupo Desportivo. Resultado final: G. D. Louro 2 vs Casa do Gaiato 3.

No fim do jogo, registamos este desabafo do treinador do Louro: «*Gostávamos de ter um jogo todas as semanas como este. Que rica equipa a Casa do Gaiato tem. Os meus parabéns!*». Por onde passamos, deixamos boa imagem.

Todos fizeram um bom jogo. O relvado para nós não é obstáculo, já que o nosso campo também tem relva nos cantos! Não haveria por aí ninguém que nos queira relvar o campo todo?! Era uma excelente prenda de Natal!

Alberto («Resende»)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

enviar por transferência bancária. Agradeço anonimato.»

A Maria de Fátima, de Algés: «*Vós sois um oásis neste deserto de valores*», 250€.

Quinhentos, da Maria, a viver num lar de idosos; o mesmo de Norma com carta muito carinhosa; idem, de Leiria, e um cartão repleto de amizade à Obra da Rua; da Dolores, do Porto, «*Esperamos que Deus toque o coração daqueles que juntam e se esquecem dos outros, não se lembram do que diz a Bíblia: Insensatos, morrereis e para quem serve o dinheiro que fica amalhado?!*».

De Paço de Arcos, a mesma quantia, por duas vezes, no Amor de Cristo.

Do Alberto, 700€. Gente que também reza o Terço no mês do Rosário, 215€. Mil, de Oliveira de Azeméis, a pedir oração pelos netos; e a mesma quantia com «*aqui estou com a minha pobreza para ajudar os meus irmãos*». Mil, também, da assinante 44541, e a mesma quantia da Quinta das Palmeiras. Com um abraço amigo, do Tiago, 1500€. Duzentos e cinquenta, de Seia, e da Maria Luísa, de Paços de Arcos. Por não ter feito os pedidos no Algarve, para me compensar, um médico amigo manda também 250€.

Cinquenta, da Lígia, de Moscavide, de Vale Pereira, da Sobreda. Setenta, da Presa de Mira. Quarenta, da Senhora da Hora, quando completou 56 anos de casada. 45€, da Maria Graziela,

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

REUNIÃO DOS PADRES DA RUA — Como é tradição, os nossos Padres reúnem-se ao longo do ano nas várias Casas da nossa Obra. Desta vez, a 22 de Novembro, terça-feira, o encontro foi na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde também foi celebrada a Eucaristia.

MAGUSTO EMS. JOSÉ — Tem sido costume sermos convidados para o magusto organizado pela Paróquia de S. José, Coimbra. Foi a 13 de Novembro, Domingo, de tarde, com tempo chuvoso; mas, ainda houve jogos e depois um bom convívio à volta das mesas com castanhas e outros mimos, preparadas pelos gru-

pos de catequese e com a presença do Sr. Padre João Castelhana.

Muito obrigado, bons Amigos!

VISITANTES — A 19 de Setembro, Sábado de manhã, recebemos algumas crianças da Catequese da Lousã com as catequistas, que estiveram connosco para nos conhecer e deixar a sua partilha.

Bem-hajam!

ÁGUA — Chegou a chuva, mas tem havido problemas com a água cá em Casa. Assim, da nossa nascente, no nosso olival da mina, não tem chegado a água necessária ao nosso poço

e à fonte. Teve de se fazer uma obra para ligar a água da rede pública e ainda limpar uma caixa à entrada do portão de frente para a nossa Capela.

Vamos a ver se isto melhora, pois sem água não temos vida.

AGROPECUÁRIA — Nesta actividade, para além do tratamento do gado, cujos gadeiros ajudantes são o Grazina, Francisco, Flávio e Evguénio, tem-se andado na apanha da azeitona, de maneira que se aproveite o mais possível. A primeira carrada de sacos de azeitonas seguiu numa camioneta que tivemos de alugar, para as transportar até Ansião, onde afinal foram moídas. □

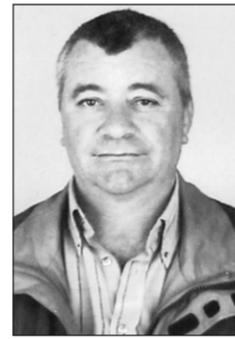
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

JANTAR DE NATAL — Damos conta do dia, hora e local escolhido. Este ano será no Sábado, dia 10 de Dezembro, pelas 20h00 e mais uma vez será na zona de Penafiel, mantendo o cenário do Restaurante Milho-Rei à face da estrada nacional n.º 106 que vai para Entre-os-Rios, no lugar de Sete Pedras, Calçada, Oldrões. Os associados deverão trazer por cada presença, uma prenda simbólica para a troca de presentes, no fim do jantar, abrilhantado pela nossa tocata, já muito bem ensaiada pelo nosso Presidente Miguel. Contamos com a tua presença e da tua família, até porque para as crianças até aos 4 anos, é grátis, enquanto até aos 10 anos só pagam 50%. Confirmem a vossa presença com uma semana de antecedência para os contactos de telemóvel. 91 2163569 ou 91 7414417.

MAGUSTO — Como noticiado, decorreu no dia 13 de Novembro, em pleno S. Martinho, o magusto para todos os associados. Este ano, foi efectuado na nossa sede, devido ao mau tempo. Honraram com a sua presença, muitos antigos gaiatos. Quero deixar também aqui o meu agradecimento à D. Eu-

lália pela saborosa sopa de papas à lavrador e à D. Rosa pela oferta do pão e também pelos vários bolos que estavam em cima da mesa e que fizeram as delícias de todos, mas o essencial, foi e é sempre a vossa fraternal presença, para estreitar os laços familiares.

Maurício Mendes



«**CORADINHO**» — O Manuel Sá entrou na Casa do Gaiato de Paço de Sousa em Julho de 1969. No seu percurso foi carpinteiro e chefe-maioral. Depois da tropa, casou e ficou a morar na freguesia. Faleceu no sábado, 19 de Novembro, e foi a sepultar no Domingo, Tinha 55 anos. No funeral, estiveram presentes antigos gaiatos, amigos e familiares. A Missa foi presidida pelo nosso Padre Júlio e concelebrada pelo nosso Pároco, Padre Sousa Alves.

Jorge Alvor

REGRESSAR A NAZARÉ

Padre João

NÃO tardam já a assomarem os vislumbres do Natal, às portadas das nossas casas, a pisarem as soleiras dos nossos corações! As grandes festividades, porém, são sempre precedidas de vigílias condizentes... O Advento aí está, é uma grande vigília; um brado no descampado da noite: «Preparai os caminhos do Senhor!..» — alerta o Precursor.

O Senhor que veio e que virá, tal como no-lo descreve o «Juízo Final» de Mateus 25, é o mesmo Senhor que vem, no quadro de

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Novembro,
46.350 exemplares**

e 100€ do assinante 57632, da Fernanda, do Ramiro, da Maria de Lurdes Reis, da Maria Narcisa e da Lucinda Morais.

Para aliviar alguma necessidade e desejando-me as melhores, a assinante 30830, 300€. Da Júlia, 150€.

E é tudo. □

«um quotidiano», a maior parte das vezes, imperceptível e surpreendente; sempre justo e misericordioso. Estar atento a este «regresso», é o segredo duma existência cristã activa e empenhada, na qual o único receio que possa acontecer, seja o de não fazer bem, mais e melhor.

O tempo de Advento recorda-nos o percurso da vida de cada um, em particular, e de todos, como família humana; não temos duas hipóteses: a vida é só uma, jogamos tudo ou nada. Sobre ela impende o juízo de Deus, implacável, no sentido do que deve ser feito sem adiamento. Por isso, a atitude mais recomendada, tanto ao nível da meditação da Palavra divina, como da actividade humana, seja a da vigilância: «Estai atentos porque o Senhor vem...»; «O que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos... foi a Mim que o fizeste...».

Eis a dimensão deste tempo transcendente e vespertino! Tantas vezes, digamo-lo em abono da «verdade na caridade», um tempo manipulado pelos excessivos apelos ao consumismo.

Este ano, pessoal e socialmente

constrangidos pela austeridade, é sem dúvida, uma óptima ocasião de reflexão acerca dos valores maiores que importa implementar na vida pessoal e colectiva, nomeadamente os da partilha fraterna e da solidariedade para com os mais afectados pela crise. Não não-de faltar os apelos de João Baptista, de forma apropriada, contundente e persistente a este propósito: «Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo... não exijais nada além do que vos foi prescrito... não pratiqueis violência com ninguém, nem denunciéis injustamente...». E aos mais endurecidos: «Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão...».

Tais atitudes não podem deixar de nos reconduzir à verdade do essencial; do Natal verdadeiro, aquele que Maria preparou em Si, na humildade de Nazaré e José viveu no escondimento silencioso, na esteira dos maiores crentes de Israel. Em tempo de Advento, urge pois regressar a Nazaré para que aconteça, mais uma vez, o Natal de Jesus... □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Envolvidos em panos

APERTAR o cinto trata-se de uma matéria com duplo significado e, afinal, que nos vai afectando e obrigando a uma certa ginástica, a exigir mais e maior contenção.

Nesta Família, em que a aprendizagem das regras é lenta, há diariamente uma simples verificação, antes do arranque para as Escolas, que não pode deixar de ser feita. Consiste em botar os olhos nos apertos e atilhos do vestuário e calçado, numa marca registada *que nos dão!* Em especial, numa vintena de rapazes, já que os espigados se tentam escapar, a supervisão não dá margem para tréguas, todas as

auroras. Apertado ou desapertado, eis a questão! Parece-nos que a tendência social vem descambando, embora não se julgue ninguém por isso, pois nos membros inferiores a regra já não é o que era.

Mesmo à entrada da lavandaria, uma boa série de cintos dados e perdidos vai-se sobrepondo. Na hora da verificação, *ai Jesus* que as calças são largas para as pernitais ou alguns querem andar à moda, que contraria o diagnóstico e remédio da nossa economia, cujo aperto vai doendo. De facto, as faixas que ajustam o vestuário à cintura não cativam a nossa malta, pois a circunstância também os influencia.

Este pormenor fez-nos pensar na ilusão em que muitas pessoas têm vivido e outras fugido... Acreditamos que uma parte da nossa população ainda não se apercebeu verdadeiramente que há tempos para apertar depois das larguezas e espertezas excederem o razoável e o admissível. Isto também acontece noutros Países, em que as maiores vítimas dos poderosos dos impérios acabam por ser os mais pobres e os trabalhadores honrados.

No que se refere ao assunto em epígrafe, em sapatos e sapatilhas sem cordões, o remédio *está para cá de Braga*. Porém, a maioria do calçado deixado tem outras características. Os mais ensonados e azelhas têm as suas técnicas de esconder essas cordas delgadas, enquanto alguns mais desleixados não se coíbem de arrastar tais atilhos, sujeitos assim a serem travados nas suas deslocações ou que-

das, quando repentinamente são pisados.

Em boa verdade, economicamente tudo indica que muitas pessoas e organismos já não podem abrir os cordões à bolsa, sob pena de colapso financeiro. Em contrapartida, há aqueles que não querem nem deixam ser apertados. A liberdade a sério e a justiça nunca se confundem com a libertinagem e a trapaça.

Se educar para o asseio e a poupança não são acidentes, seria bom que as crianças e os adolescentes não fugissem da realidade, com orelhas moucas até pelos auriculares e navegando demais no virtual.

Depois de juntarmos um bom lote de acessórios caídos ou distraídos, sem cumprir a sua função, tivemos de inquirir os reincidentes. Alguns Rapazes, com ventres mais dilatados, até por desnutrição anterior ou gula, foram dispensados, nesse momento.

Todavia, a outros garotos desatacadados dissemos que houve tempos de pé descalço; e, há terras onde isso acontece injustamente, actualmente. Quem se lembra dos tamanquitos para os pequenos e chancas para as lavouras e ainda de umas simples botinhas no traje domingueiro, que era um luxo para os Pobres...

Era bom que a protecção, em educação, fosse também para a promoção dos menores. É necessário, por isso, diante de certos comportamentos e na hora exacta, dizer *não!* É um facto que até nos trapos há que tomar consciência dos actos.

Quando desceu para nós o Menino, teve rudes trapos; e, ao ser elevado no madeiro, despojaram-n' O das Suas vestes. Quem dera que, neste tempo, as modas não levem *na água do banho* dos presépios de carne e osso as imagens reais da Criança que chorou e chora ao colo de Maria, que O envolve em panos... □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTA noite anunciada com chuva e ventos fortes acabou em pouco. Nem a chuva abundou, e os ventos acalmaram. Resultou um tempo frio que fez os rapazes procurar os seus agasalhos. O terreno de lavoura está seco. As acácias rubras da entrada da Casa são um autêntico sorriso da natureza de Deus. Só flores para os nossos olhos e coração.

A Irmã desde sábado fora. Um dia no Bilene, passado com os mais pequeninos. Sempre o coração de mãe aberta. Regressou segunda de manhã à cidade onde a esperava a Maria José e Shaman, antigo auditor da Prosalus e agora interessado com as duas no desdobramento das actividades da Fundação Encontro (FE). Tia Carmen, na Massaca com as encomendas ao Artesanato para o Natal. Um lindo presépio em pano. Qual o menino que não foi envolto em panos ao nascer? Para quantas pessoas o Natal não são panos? Lembro-me dos primeiros anos da Massaca em que tinha de levar parturientes ao Hospital e pediam que esperasse, para alguém da família que acompanhava, voltar a casa buscar panos para embrulhar o recém-nascido. Quando perguntava porque não levou logo, a resposta era arrepiante. «Porque não sabia se ia nascer gente». O que podia ser se não fosse, perguntava eu: «Ah!, podia ser bicho». A mãe do Emanuel quando saiu do Hospital de Boane, com ele dentro de uma mala velha, já afastada e onde a não pudessem ver, tirou-o da mala por um braço e disse: «Isto não é gente, vou matar». Tão desnutrido e amarelado ele era. Nem pêlos tinha na cabeça, nem sobrancelhas e pestanas. Hoje é alto, bem entroncado, embora ainda não tão bem estruturado na vida que possamos dizer verdadeiramente que já é um homem. Mas quem diria daquele Jesus de Belém, o que Ele era senão só no coração de Sua Mãe? São José nem saberia tanto.

Pois queria dizer, só nós dois padres estamos em Casa nestes dias. Sinto, até eu, a falta das Senhoras.

Padre Arnaldo, como aqui chamamos ao nosso Padre Quim, tomou conta dos trabalhos da fazenda que tem por lá muitos rapazes, a limpar o feijão para guardar, a bicharada pequena, coelhos, galinhas e patos, pintos e poedeiras, o maior rebanho de cabritos e ovelhas, seguida de novinhos e vitelos e até burros que são animação aos domingos à tarde. A propósito, nasceu um simpático burrinho todo branco, só com o rebordo das orelhas a preto, que é um encanto. Os Rapazes, prevejo que já pensaram nele para o nosso presépio vivo na Capela. Já vai ficando mais castanho, porque lhe dá para se rebolar no chão sujo do parque. Eu fiquei por Casa, aviando o motorista dos recados para a cidade e ao fim da tarde, para desfatigar os olhos e a coluna dei um salto à Capela para ver como vão os trabalhos de limpeza do tecto onde os aranhões encontraram lugar propício e até as cobras chegam para os catar. Mas ficam imensas teias de aranha, que muito me enervam. Estamos num mundo de teias, que o mundo tece. Uns são tecelões outros tecidos, emaranhados, chupados, reduzidos a nada, agora no nosso caso, apenas lixo que se limpa.

Vi hoje, num pequeno intervalo de dor de olhos, que a Índia perdeu a primazia da casa mais cara do mundo, para outra, feita na Suíça, por doze biliões de dólares. O que tem de comum uma casa e uma Capela? Uma leva o homem ao encontro de Deus e outra leva-o ao encontro de si. Só que, se uma alma que se eleva, eleva o mundo, o homem que se eleva assim, só esborra os outros. Um mundo de desequilíbrios humanos tremendos, que santificou Teresa de Calcutá, e lhe fez na cara rugas profundas, essa Índia. Mas essa Suíça tão civilizada e tão culta, mas que oculta as riquezas ilícitas de tantos, será mesmo dum suíço tal casa? Parece que é num lugar escondido. Coitado de quem a habita. Deve ter medo que o comam vivo, porque a casa deve ser dura de roer para uma Europa que deixa morrer à fome tanta gente. Como Deus é bom, apesar de muitos duvidarem que seja justo. □

SETÚBAL

Padre Acílio

AS cartas que me chegam são todas lidas e relidas, dado que a comunhão não se faz só em dar, mas também, e sobretudo, em receber.

O Espírito de Deus é o impulsionador único desta transmissão, tanto de quem a emite como de quem a recebe.

Tenho o cuidado de responder a todo o correio, nem que seja só uma vulgar mensagem geral, gravada no computador. Por ela, o Espírito também sopra, por ser redigida com pleno sentido de verdade, tornada pessoal no endereço colocado.

Fazem-me bem os escritos recebidos. São motivo de exame de consciência e impulso para continuar na humildade, na confiança e na ousadia ao serviço dos mais sofredores.

Quantas vezes se apodera de mim um sentimento novo de responsabilidade, perante o que vejo e o que sinto?! Quando Deus tocou no coração de um filho seu, já via para onde se destinava a renúncia que inspirou. Eu sou apenas um instrumento físico de uma acção sobrenatural que me atravessa.

O assinante 54996 escreve-nos assim:

«*Estimados amigos, que a paz de Deus esteja convosco. Antes de mais quero agradecer o conteúdo do jornal O GAIATO por me ajudar a consciencializar das dificuldades e situações dramáticas de muitas pessoas e famílias, questionando o meu ser cristão e servindo de 'agulha' para o meu comodismo e egoísmo.*

É admirável como um Jornal tão pequeno (em n.º de páginas) e esteticamente muito rudimentar (comparando com outras publicações que recebo), é capaz de ser tão sensibilizador da minha consciência e tão concreto na vivência do Evangelho.

Desnecessário se torna o meu apelo, mas exorto-vos a continuarem a ser, sempre e sem desfalecer, 'fermento' e 'sal' da terra.

Junto envio cheque de 1500€ que gostaria fosse distribuído da seguinte forma: 500€ para a Casa do Gaiato de Malanje, 500€ para o tractor da Casa do Gaiato de Benguela e 500€ para as inúmeras necessidades do Património dos Pobres.»

A paz de Deus é a maior de todas as riquezas. É fruto de um dever cumprido continuamente, pois esta Paz conquista-se numa luta permanente contra o egoísmo, com os olhos postos n' Aquele que, na pobreza radical, o derrotou e nos ensinou a fazê-lo.

Diz que O GAIATO o ajuda a consciencializar das situações dramáticas de muitas pessoas e famílias. Eu só falo de algumas, as mais recentes, quando escrevo, porque, ao longo da quinzena, numerosas são as que me são apresentadas e eu, tolhido pela vida dos Gaiatos e sobrevivência da Casa, vou-as esquecendo. Nem o Jornal daria para as descrever.

Questiona o seu ser cristão. O GAIATO foi sempre um atrevido interrogador dos cristãos de todos os níveis. Os padres escritores, deixam-se apenas levar pela impertinência do sofrimento humano. Põem em confronto a vida pessoal de cada um com o estado lastimoso de tantos homens que, baptizados ou não, continuam a ser alvo do Amor de Deus.

Sim, servir de agulha é uma boa imagem. Não somos mais que agulheiros, pretendendo conduzir os ideais cristãos e humanos pela linha certa: o caminho que é Jesus Cristo.

O Jornal é pequeno e pobre na sua aparência, os seus autores também o são. A única riqueza que devem exibir é a coerência da própria vida com o que escrevem ou pregam. Aqui, sim, e só com esta propriedade é capaz de sensibilizar as consciências na **concreta vivência do Evangelho**.

O Espírito de Deus não engana, não Se esconde nem falseia nem ainda precisa de muito brilho para Se evidenciar (comparado com outras publicações que recebo).

«Exorto-vos a continuarem a ser, sempre e sem desfalecer 'fermento' e 'sal' da terra.» Ámen, digo eu para rematar. Traduzo-o: assim o desejo, assim seja, assim o quero e estou determinado. Ámen.

Vê-se que o nosso assinante é leitor ávido do periódico quinzenal e dispersa a sua atenção pelas Casas do Gaiato e «pelas inúmeras necessidades do Património dos Pobres». □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«TEREIS OCASIÃO DE DAR TESTEMUNHO» (Lucas 21,12-19)

— A nossa amiga Lurdes, do Cacém, continua a mandar-nos, com regularidade, os seus «habitais grãosinhos para ajudar os mais pequeninos». Na sua última carta, que nos chegou, diz que «a crise cada vez está a ser pior e não sei aonde vamos parar. Está tudo muito difícil e as pessoas estão a lutar com muitas dificuldades. Está a ser difícil para todos». Para ela também está a ser difícil porque, diz-nos, está a precisar que rezem por ela. Não a esqueceremos. Apesar destas dificuldades vai fazendo o que está ao seu alcance, para ajudar os outros.

Isto fez-nos lembrar a passagem do Evangelho de S. Lucas onde Jesus diz o seguinte: «Vão deitar-vos as mãos e perseguir-vos, entregando-vos às sinagogas e metendo-vos nas

prisões; não-de conduzir-vos perante reis e governadores, por causa do meu nome. Assim, tereis ocasião de dar testemunho. Gravi, pois, no vosso coração, que não vos deveis preocupar com a vossa defesa, porque Eu próprio vos darei palavras de sabedoria, a que não poderão resistir ou contradizer os vossos adversários. Sereis entregues até pelos pais, irmãos, parentes e amigos. Não-de causar a morte a alguns de vós e sereis odiados por todos, por causa do meu nome. Mas não se perderá um só cabelo da vossa cabeça. Pela vossa constância é que sereis salvos».

Nos tempos que correm as dificuldades não são a prisão, mas são o risco acrescido de pobreza, o risco de menor protecção na doença ou na velhice e outros que podem deixar as pessoas presas em situações

de grande vulnerabilidade, exigindo um sentido de solidariedade cada vez maior da parte de todos nós. São, por isso, tempos onde também não falta a ocasião para dar testemunho.

Estes nossos Leitores assim fazem. Para além da Lurdes, do Cacém, também nos chegou notícia dos contributos dos seguintes Leitores: 160 euros, da assinante 80931, de Gaia; 150 euros, do assinante 57558, do Porto, que nos ajuda com regularidade; 100 euros, do assinante 69847, de Tomar; um cheque, da assinante 5963, de Paço de Arcos, a dividir com as Casas do Gaiato de África; e 100 euros, da assinante 43689, do Estoril. Um muito obrigado a todos.

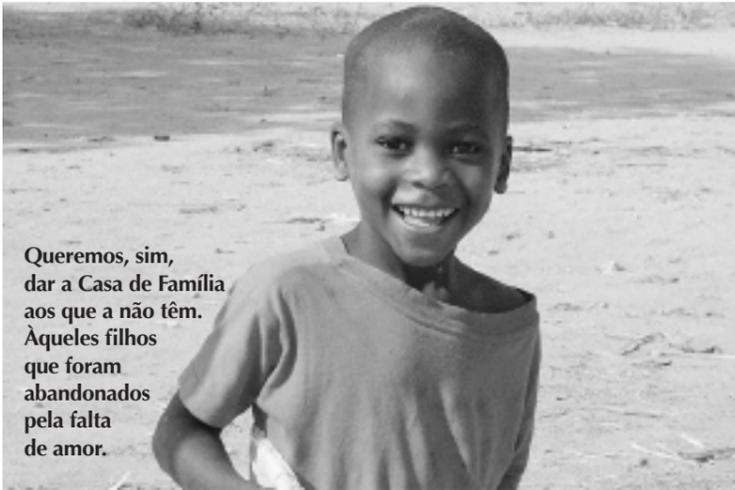
Para estes e para todos os nossos Leitores, votos de um Santo Natal.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt Telem.: 965464058. □

BENGUELA

Padre Manuel António



Queremos, sim, dar a Casa de Família aos que a não têm. Àqueles filhos que foram abandonados pela falta de amor.

CONVERSAVA, há dias, com um grupo de jovens, a caminho da maturidade. Buscavam a plenitude da vida. No livro das suas histórias havia páginas com sinais de felicidade autêntica. Fizeram experiências de voluntariado ao serviço dos que mais necessitavam de ajuda. Repetiram um ano, outro ano e mais. Chegámos à conclusão de que o caminho da felicidade e da plenitude da vida está no amor aos irmãos. Por outras palavras, quem ama partilha a sua vida e os seus bens com os outros, de braços estendidos e o coração aberto. O egoísmo mata. O amor gera vida e felicidade. Por isso, felizes os pobres que o são no seu espírito. A abundância da riqueza na posse destes corações generosos é a garantia dum mundo melhor, mais fraterno. Quem dera cada um partilhe sempre, na medida das suas possibilidades. É tão sublime aquela passagem da Boa Nova que nos fala do óbulo da viúva! Estou a escrever-vos, depois de ler e meditar, nas primeiras horas da manhã deste dia.

Aquela mulher deu do que possuía e sentiu a mudança na sua vida. Não tocou apenas no que lhe sobrava. Nada! Foi mais além! Que maravilha a merecer um elogio tão grande!

Tenho muito viva a lembrança daquela professora que, do pão nosso de cada dia da sua vida, vem depositar em nossas mãos um benefício extraordinário que recebeu. Desta forma, valorizou imensamente mais o dom recebido. A nossa vida depende, substancialmente, do que nos dão. Juntamos as migalhas que são o fruto do nosso trabalho. Ai de nós se o vosso coração aberto nas mãos estendidas se fechasse! A Esperança é a rocha sobre a qual assenta a nossa vida. Queremos ir mais além. As necessidades das famílias a viver na miséria extrema não param de crescer. Olham para a nossa Casa do Gaiato como a tábuca da salvação. Partilhamos convosco as suas dores. São as cubatas, onde reina a promiscuidade que arruína as famílias e abre a porta dos filhos da rua. Quem dera pudésse-

mos ajudar a construção de casas simples, seguras, com o mínimo de dignidade. Este é um campo de trabalho muito extenso. Mais outra aflição: Os filhos saídos da nossa Casa querem construir a sua residência, mas não têm meios financeiros. Esperam ajuda indispensável da Casa que foi a sua mãe. Como? Levamos, em nosso coração, estes problemas e queremos partilhá-los convosco.

Voltamos os nossos olhos para dentro da nossa Casa. São mais duma centena de filhos. O mais pequenino tem cinco anos. Os mais velhos ultrapassam os 25 anos. Porquê estas idades tão adiantadas? Já deviam estar a viver a sua autonomia. É verdade. A falta de emprego, porém, tem sido a causa principal da sua permanência. Esperamos, em breve, ultrapassar este obstáculo. Deste modo, haverá circulação de vida nova. O padrão familiar que nos rege leva-nos, contudo, a guardar os filhos até que tenham as condições dignas para a sua autonomia. O emprego é essencial. Continuamos a bater à porta das empresas e a aguardar a resposta das outras. Entretanto, carregamos o peso que a vida dura nos oferece. Contamos, neste trabalho, com a ajuda preciosa dum ou outro rapaz mais velho que, nos seus tempos livres, dá-nos a sua mão e o seu amor.

Muitas pessoas batem-nos à porta a pensar que temos a solução para todos os problemas de crianças, adolescentes e jovens. Queremos, sim, dar a Casa de família aos que a não têm. Àqueles filhos que foram abandonados pela falta de amor. São muitos. Não temos lugar para todos, porque não queremos ser um armazém de crianças. Procuramos fazer o que pudermos, sempre com a vossa ajuda. □

Testemunhos de Intercessão a Pai Américo

EM vida, Pai Américo contribuiu para que muitos desanimados, prostrados na sua situação e condição, recobrassem o ânimo e sentissem novo alento para viver.

A sua fome e sede de justiça coincidia com a vontade de Deus para a humanidade, que é de vida em plenitude. Pela sua palavra e acção transformou a vida de muita gente, e a de muitos outros ficou marcada de forma indelével.

Através do testemunho de muitas pessoas, percebemos que o seu trabalho em prol dos que actualmente, vivendo situações difíceis, a ele recorrem pedindo a sua intervenção junto de Deus, obtêm a graça de que carecem para não cair em desânimo.

Este testemunho que a seguir transcrevemos, e outros que iremos publicar no futuro, são luzes reflectidas de uma realidade que, não sendo visível na sua causa, é-o nos seus efeitos.

«Tendo minha esposa adoecido gravemente com uma desidrataçao e consequentes complicações, foi internada no hospital onde permaneceu quase um mês. Estava a vê-la a definhar dia a dia, até que uma tarde que a fui visitar me apercebi que o seu estado era quase a apagar-se. Fiquei muito desesperado e disse para o meu filho que a acompanhou, para procurarmos imediatamente o capelão para lhe dar a extrema unção. Ao chegar junto dela disse-me que efectivamente o seu estado era muito grave e ministrou-lhe a extrema unção. Entretanto já tinha recorrido ao Padre Américo que intercedesse junto de Deus para que me salvasse. Só mais tarde soube que nesse dia o médico que a tratava já tinha dito ao meu filho que a mãe não chegaria viva à manhã seguinte. Precisamente nessa manhã o capelão ao chegar ao hospital lembrou-se de a ir ver e ficou estupefacto ao vê-la de olhos muito abertos, quando na véspera não conseguia abri-los. Entretanto chegou também o médico que ficou de igual modo admirado e disse para o meu filho: 'Só um milagre podia ter salvo a sua mãe'. E esse milagre só podia ter surgido por obra de Deus, com a ajuda do Padre Américo a quem fico muito grato. Como prova de agradecimento junto 50 euros, para ajudar às despesas da sua beatificação, pela qual peço, todos os dias, a Deus que se efective o mais depressa possível.»

Padre Júlio

MALANJE

Padre Rafael

«Ninguém sabe o dia nem a hora»

DE hoje não podia passar. Como lhe havia prometido, mandei que subisse para o carro e fomos dar uma volta pela Aldeia. Primeiro, visitámos a horta que está mais perto de Casa, para que os Rapazes possam cuidar dela. Depois passámos pela lagoa e subimos para a eira de onde se podia ver o milho germinado. Ele perguntou se era para a Casa e eu respondi: «Não tio, é para a Casa e para as comunidades. Semeámos oito hectares.» Seguimos para a presa, onde encontrámos muitas pessoas a plantar mandioca. Quando nos acercámos do pomar de mangueiras, indicou-me a casa que habitou quando trabalhava para o senhor Galantino nos anos 80. «Estas aldeias já não vão passar fome, todos dizem que o padre está ajudando o povo. Afinal, quantos hectares cultivam?» — Respondi-lhe que mais de 100 e que, agora, estamos a cultivar, com as aldeias, milho, amendoim e feijão. De regresso, pediu que lhe lavrasse um pouco de terra perto de sua casa, porque com a

sua idade não é capaz de subir até às lavras. Há uma semana, mandei lavrar o terreno que pediu — só faltavam os cumes.

Ontem, tive de o levar ao hospital, porque lhe deu um ataque de glicose. Desta vez os diabetes não perdoaram e, às quatro da manhã avisaram-nos, do hospital, que o tio Afonso faleceu.

Recordei, naquele momento, o Evangelho de Domingo: «Vigiai, porque ninguém sabe o dia nem a hora». Hoje, foi o tio Afonso; ontem, foram outros; mais adiante tocar-nos-á a nós. E será num dia incerto, à hora em que menos esperamos. Por isso, «aproveita o momento», não para fazer o que te apetece, nem o que queres, mas para o que amas.

Quando nos damos conta de que amamos, dói dizer adeus, sonha-se com o reencontro. Ao tio Afonso, como a muitas pessoas que escreveram o seu nome no meu coração, espero reencontrar um dia, na graça d'Aquele que nos fez encontrar.

Tio Afonso era trabalhador da Casa do Gaiato, há mais de vinte

anos. Vivia em nossa Casa com sua mulher e filhos. Muitas tardes, quando me sentia cansado, ia até à sombra dos cedros e fazia-lhe perguntas. Mas o melhor é que depois ele fumava-me um cigarro e eu ficava a ouvi-lo contar histórias como só os mais velhos sabem contar. Eu desfrutava desses momentos e regressava a Casa como se tivesse passado a tarde no cinema.

Que tristeza sinto quando penso em todos os anciãos que são colocados em residências onde não podem fazer nada, nem colaborar nem partilhar o pouco ou muito que ainda têm de vida. Que alegria me dá quando penso no Calvário e me recordo de todos os anciãos e doentes psíquicos que ainda podem e querem dar tudo o que lhes resta!

Há dias, chegaram-me notícias de que há pessoas que criticam o Calvário. Pois claro, assim tem de ser. Acaso não criticaram Pai Américo? Tão cega anda a sociedade chamada de bem-estar, que é incapaz de ver no Calvário uma família que se entrelaça e quer



Um bonito recanto da Casa do Gaiato de Malanje junto à lagoa, onde Padre Telmo se encontrou, naquele Domingo de 1991, com os seus Rapazes, no regresso da Obra da Rua a África.

cuidar da sua Casa. Tão cegos estão os que são incapazes de perguntar aos membros daquela família se estão felizes. Tão cegos andam que são capazes de pôr em dúvida a altura humana e espiritual do nosso irmão Padre Baptista.

Na agenda da reunião de chefes, levámos vários problemas: Um, o problema do camião-grua, pois que se tem de comprar um hidráulico e não temos como. Tomámos a decisão de utilizar o dinheiro do ordenado dos trabalhadores e pedir à Obra da Rua que nos adiante um pouco do pressuposto para 2012. Todos

os chefes se comprometeram a aumentar as horas de trabalho durante as férias e a intensificar os trabalhos de agricultura. Outro tema era o dos castigados na Carianga e a proposta de cumprirem o seu castigo na Aldeia. A proposta foi aceite e no fim-de-semana todos se juntaram.

O Rivas decidiu ficar na Casa do Gaiato. Prometeu-nos que se portará bem e que aprenderá a escrever com a mão esquerda, mas se alguém se meter com ele, levará com a direita. A mãe vive numa aldeia próxima e avisámo-la de que o Rivas só a poderá ir ver uma vez por mês. □